



ESPAÇO DO ALUNO

Entre o saber e o fazer: Entrevista com Débora Kikuti

Katia Suzue¹
Universidade Guarulhos



Foto retirada de <http://blog.pat.com/deborakikuti>

Débora Kikuti, 39 anos, nasceu em São Paulo e aos 11 anos de idade veio morar em Guarulhos onde firmou raízes, constituiu família e se transformou em uma “cantadora de Histórias”. Realiza estudos sobre a cultura regional e leva a vida organizando ações culturais com mulheres no Ponto de cultura CIM (Centro de Integração da Mulher), localizado na região do Jd. Santa Emília.

Entre todas essas atividades, Débora aos finais de semana vai ao Bosque Maia, onde já é bem conhecida por todos os frequentadores, estende um pano no chão, chama as pessoas e conta histórias, canta canções e brinca de ciranda. Em meio a outras preocupações com o resgate cultural, Débora comemorou no último 31 de outubro o Dia do Saci. A idéia de instituir o Dia do Saci, já aprovado pela Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, foi do grupo Sociedade dos Observadores de Saci (Sosaci), fundado em 2003, com objetivo de valorizar e difundir a tradição oral, a cultura popular e infantil, os mitos e as lendas brasileiras. A escolha do 31 de outubro representa uma estratégia para confrontar o Dia das Bruxas, que tem ocupado espaço no calendário folclórico brasileiro; procurando sensibilizar pais e professores sobre a necessidade de (re)descobrirmos as tradições populares, oferecendo às crianças e aos jovens alternativas lúdicas e divertidas.

E é essa mulher que com muitos sorrisos respondeu a tudo sem gaguejar.

Katia Suzue: *Qual a origem da ciranda?*

Débora Kikuti: A ciranda é uma dança de roda. A maioria das pessoas a conhece como dança infantil. Não se sabe ao certo a origem da ciranda. Alguns dizem que é de Portugal, outros dizem que é uma dança inventada pelos pescadores pernambucanos para imitar o balanço do mar. Há também quem diga que as mulheres dos pescadores a inventaram quando brincavam com os filhos que não podiam entrar nas rodas de coco.

Uma roda é formada, e o mestre cirandeiro “chama” a cantiga de roda e os versos que conduzirão a roda. Os brincantes, em sentido anti-horário, marcam a batida com os pés e balançam as mãos, imitando as ondas do mar.

A etimologia da palavra, segundo o padre Jaime Diniz, um dos conhecedores do assunto, vem do vocábulo espanhol “zaranda”, que significa instrumento de peneirar farinha e que seria um derivativo da palavra árabe “çarand”

K.S.: *Como trabalhar as relações sociais através da nossa origem cultural?*

D.K.: As brincadeiras são passadas de geração para geração. Muitas pessoas se lembram de cantigas que foram entoadas na sua infância. Acontece que as pessoas pararam de brincar com seus filhos e de transmitir as brincadeiras.

Atualmente, as crianças não sabem cirandar, tampouco conhecem as cantigas de roda.

1-Aluna do Curso de Educação Artística - Universidade Guarulhos, e-mail: katiasuzue@hotmail.com



K.S.: *Como você trabalha a ciranda com as crianças?*

D.K.: Trabalho a ciranda como brincadeira. Formamos a roda (às vezes com o “pano de ciranda”, que é uma roda confeccionada com vários tecidos coloridos com um buraco no meio. De tempo em tempo, há uma pausa e uma criança fica no meio da roda (ou no buraco do tecido) e canta/fala um versinho. Todo mundo tem de ficar no meio da roda, pelo menos uma vez. Utilizo o pano de ciranda quando as crianças têm muita dificuldade com a coordenação motora. O visual do pano ajuda a mostrar em qual pedaço do tecido ficar (lugar na roda) e para onde girar (sentido anti-horário).



Foto retirada do <http://blogspot.com/deborakikuiti>

K.S.: *Como o educador poderia intervir nessa perda de herança cultural?*

D.K.: É muito importante trabalharmos com a pesquisa dessas brincadeiras e incluí-las em nosso repertório e no das crianças. Na roda, trabalhamos as relações sociais, a solidariedade, a inclusão, o respeito, a educação, o belo e a arte, dentre tantas questões largamente abordadas no contexto educacional.

K.S.: *Na sua opinião, onde foi que isso se perdeu?*

D.K.: Em minha opinião esse distanciamento de nossa origem se dá por conta da incompreensão do mundo atual com relação à vida. Negar a ancestralidade e seu conhecimento em detrimento da aceitação de informações externas, aceitas como absolutas, a fim de legitimar o valor da modernidade. Bobagem. Como diz Mestre Ambrósio: “Como posso saber de onde venho, se a semente profunda eu não toquei?”.